

Zeca Pagodinho
lança single em
dueto com Djonga

PÁGINA 3



Hang Sangsoo
leva seu mais
novo cult ao Bacifi

PÁGINA 4



Exposição revela
arquitetura
dos caboclos

PÁGINA 8



2º CADERNO

Beatlemaníacos

Reprodução



Paul, John, George e Ringo na histórica apresentação no terraço do prédio da gravadora Apple; a última vez que o quarteto tocou junto domina a narrativa do documentário 'Let It Be'

em polvorosa

Restaurado por Peter Jackson, o documentário 'Let It Be' será lançado no Disney+ em 8 de maio

Os fãs dos Beatles estão ansiosos. A Disney + definiu a data do relançamento do documentário da banda inglesa de Let It Be de 1970: dia 8 de maio. A nova produção estará à disposição na plataforma após uma restauração da Park Post Production, produtora de Peter Jackson.

Jackson é o diretor também da série documental "The

Beatles: Get Back", lançada no streaming em 2021 e "Let It Be" mostra os bastidores das gravações da música e do disco homônimos dos The Beatles. Além da remasterização, o documentário promete trazer uma experiência ainda mais imersiva e de alta qualidade para os espectadores.

Paul McCartney contou durante as entrevistas para o livro "The Lyrics: 1956 to the Present (2021)" que as inspirações para a letra de uma dos maiores hit do grupo foram as peças de William. "Lembrei disso recente-

mente. Enquanto estudava literatura no ensino médio, eu li "Hamlet". Naquela época, precisava decorar as falas para citar nas provas," explicou.

Um sono do baixista da banda com a falecida mãe, Mary McCartney, também influenciou composição. "No sonho, vi minha linda mãe, com rosto gentil em um lugar de paz. Foi muito reconfortante. Ela percebeu como eu estava preocupado com o que acontecia na minha vida e com o futuro, e me disse: "Tudo vai ficar bem. Deixe estar."

CORREIO CULTURAL

Reprodução/Internet



Diogo Nogueira assinará programação do espaço

Clube do Samba finca o pé no Rock in Rio 2024

O espaço Global Village, novidade da edição de 2024 do Rock in Rio, vai ter sua seção brasileira organizada pelo Clube do Samba, baile de 45 anos criado por João Nogueira (1941-2000), pai do sambista Diogo Nogueira. O ambiente prevê um arco de lojas, cada uma com arquitetura, gastronomia e programação inspiradas em

um país diferente. O espaço brasileiro promete representar o país com comida de boteco e uma roda de samba composta exclusivamente por mulheres, que receberá convidados, entre eles o próprio Diogo, responsável pela programação musical do ambiente e também pela gastronomia ao lado da chef Raysa Marques.

Desmentido

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, afirmou que estuda cortes de gastos e melhorias na Fundação Padre Anchieta, administradora da TV Cultura, mas negou querer interferir no jornalismo da principal emissora pública do país.

Bruce curitibano

Bruce Dickinson tornou-se cidadão honorário de Curitiba. Os vereadores que propuseram a homenagem destacam o vínculo entre o cantor e a cidade por causa da cerveja: a artesanal Bodebrown é marca oficial do Iron Maiden no país.

Premiação

A Presidente da Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Clara Paulino será homenageada neste sábado (20) com a entrega do prêmio "Mulheres que Inspiram" junto a nomes representativos que fazem a diferença no país.

Pagodes eternos

O pagode dos anos 1990 está gravado na memória dos brasileiros. É para festejar os sucessos da época que o cantor e compositor Charlles André recordar vários desses sucessos nesta quinta-feira (18), às 19h30, no Teatro Rival Petróbras.



Gene Simmons, baixista e vocalista do Kiss, fará show com sua banda solo no Brasil

'O rock está acabando'

Fundador do Kiss, Gene Simmons culpa gravadoras pela decadência do gênero

Por **André Barcinski** (Folhapress)

Gene Simmons tem 74 anos e estava em casa, aposentado após encerrar as atividades do Kiss, grupo que ele e Paul Stanley lideraram por meio século, quando o telefone tocou. Era um amigo, promotor do festival Summer Breeze, convidando-o para se apresentar no evento, que acontece em São Paulo este mês.

Simmons então juntou velhos amigos e ressuscitou a Gene Simmons Band, sua banda solo, que não se apresentava desde 2018. "Vai ser divertido", diz o cantor e baixista, por telefone, de Los Angeles. "Não preciso usar aquela maquiagem pesada do Kiss e vamos só nos divertir. Aproveitei e marquei oito shows na Europa depois disso."

A Gene Simmons Band se apresenta no festival Summer Breeze em 26 de abril, como atração principal do dia, que terá ainda shows de Sebastian Bach, Mr. Big e Bioha-

zard. Além de Simmons no baixo e vocal, a banda terá os guitarristas Vince Neil, Sebastian Bache Zach Throne, além do baterista Brian Tichy. O repertório é composto por clássicos do Kiss e músicas da carreira solo de Simmons. "Vamos tocar algumas faixas de 'Asshole' [disco solo lançado em 2004], que eu adoro."

A entrevista aconteceu semanas antes do anúncio da venda do catálogo e da marca registrada do Kiss para a empresa sueca Pophouse, num negócio estimado em 300 milhões de dólares, mais de R\$ 1,5 bilhão. A Pophouse foi fundada pelo músico Björn Ulvaeus, do grupo ABBA. Ulvaeus e a Pophouse criaram o show "ABBA Voyage", um concerto virtual realizado em Londres que trouxe avatares dos integrantes do grupo substituindo os artistas de carne e osso.

No show de despedida do Kiss, realizado em 2023 no Madison Square Garden, em Nova York, Simmons e Stanley anunciaram

aos fãs que ali "começava uma nova era para o Kiss". A previsão é que os shows da banda com avatares aconteçam em 2027. Ao ser questionado se poderia dar mais detalhes sobre essa nova, Simmons diz que é surpresa. "Vai deixar até o mais obsessivo fã do Kiss, aquele que já viu todos os nossos shows, de queixo caído."

Se está animadíssimo com o mundo virtual, Simmons não parece tão feliz com o estado da indústria musical. "O rock está acabando, não há uma banda nova relevante ou influente. Mas, por outro lado, vemos artistas como Taylor Swift, cuja turnê acaba de bater recordes de bilheteria. Por que ela faz tanto sucesso e o rock está em crise?", ele questiona.

"Acho que isso tem a ver com a falência do modelo de negócios das gravadoras, que começou há uns 20 anos, quando discos passaram a ser baixados por qualquer um. As gravadoras demoraram a perceber o perigo que aquilo representava e agora estão pagando o preço. Elas deveriam ter lidado com essa questão de maneira muito mais agressiva", afirma Simmons.

Canção escolhida é o samba 'Ogum' e traz a participação especial do rapper mineiro Djonga

Single antecipa DVD dos 40 anos da carreira de Zeca Pagodinho

Em homenagem a São Jorge, santo de sua devoção, Zeca Pagodinho prepara um presente especial para seus fãs: o lançamento do primeiro single do projeto audiovisual "Zeca Pagodinho 40 Anos Ao Vivo". A data escolhida é a do próximo dia 23 de abril, o dia do santo guerreiro, e o trabalho estará disponível em todas as plataformas de música.

O audiovisual, gravado em fevereiro no Estádio Nilton Santos, o Engenhão, marca quatro décadas de uma das mais importantes carreiras da música brasileira. E para celebrar em grande estilo, Zeca revisitou o clássico samba "Ogum", de autoria de Claudemir e Marquinhos PQD, trazendo uma nova interpretação



Guto Costa/Divulgação

Zeca Pagodinho durante o show do Engenhão em que comemorou 40 anos de carreira

e a participação especial do rapper Djonga, um dos convidados especiais do show no Engenhão.

A produção musical é de Paulão Sete Cordas, o eterno arranjador de Zeca, e Pretinho da Serrinha.

O audiovisual completo, que reúne diversos momentos marcantes da carreira do sambista, será lançado em breve e a partir de junho, o sambista inicia a nova turnê com duas apresentações em São Paulo, partindo em seguida para as principais cidades do país.

Zeca despontou nos anos 1980, quando começou a frequentar rodas de samba e participar de festas e eventos. Aparinhado por Beth Carvalho, ganhou destaque no cenário musical carioca como um talentoso compositor e intérprete de samba.

Seu primeiro álbum, "Zeca Pagodinho" (1986) o consolidou como um dos principais nomes da música popular brasileira. Zeca é conhecido por sua voz marcante, seu estilo descontraído e suas letras que retratam a vida cotidiana das pessoas mais simples.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Uma carta aos filhos

O Awolnation mostra a faceta mais pessoal de seu frontman Aaron Bruno em "Panoramic View", single que sucede o EP "Candy Pop" e ganha um clipe dirigido por Darren Doane. A canção, a mais vulnerável até então, estará no próximo álbum do grupo e foi escrita durante o isolamento social e é uma carta de Bruno aos seus futuros filhos. Ao som do piano, a letra escancara o realismo de entender que o mundo é um lugar assustador, mas reforça o otimismo ao garantir que tudo ficará bem no final.

Divulgação



Divulgação



Adi e Luedji juntas

O soul franco-caribenho de Adi Oasis se funde ao groove brasileiro de Luedji Luna no remix de "Multiply", faixa do álbum "Lotus Glow" (2023). A nova versão é uma prévia da edição deluxe do elogiado disco, que será disponibilizado em maio. "Multiply" é uma ode à essência feminina, abordando sentimentos de feminilidade e maternidade, e essa energia é reforçada pelo vocal da brasileira. "Me sinto muito conectada aos meus fãs brasileiros e estou muito feliz em colaborar com uma artista do Brasil. Luedji é um dos meus nomes favoritos da cena atual", explica Adi.

Gemma Warren/Divulgação



Diva do novo jazz

Voz da geração Z na música jazz contemporânea, Laufey, cantora e multi-instrumentista vencedora do Grammy, dá mais um passo na era "Goddess". Após o lançamento do single de mesmo nome, a artista lança um ambicioso clipe para a faixa, dirigido por Celine Song, responsável pelo filme Past Lives, indicado em 2023 ao Oscar de Melhor Filme e Melhor Roteiro Original. O vídeo foi gravado no Brooklyn, em Nova York, e é estrelado pela artista e por William Gao, conhecido por interpretar Tao Xu no fenômeno adolescente da Netflix "Heartstopper".

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Numa triagem dos títulos que tiveram maior destaque em mostras estrangeiras recentes, o Bafici, Festival de Cinema Independente de Buenos Aires, incluiu o ganhador do Grande Prêmio do Júri do Festival de Berlim de 2024: “A Traveler’s Needs”, da Coreia do Sul. A sessão dele em terras argentinas será esta noite, no Cinepolis Plaza Houssay. Em terras alemãs, Hong Sangsoo, seu diretor, não acreditou em sua vitória. Voltou-se para o time de juradas e jurados presidido pela atriz Lupita Nyong’o e perguntou: “O que vocês viram no meu filme?”

O cineasta de 63 anos, considerado hoje o mais prolífico realizador em atividade no planeta, com uma média de dois longas-metragens ao ano, não foi o único a levantar essa questão. “A Traveler’s Needs”, um dos 20 concorrentes do evento, não é o tipo de narrativa capaz de agradar com unanimidade, apesar de ter entusiasmado a curadoria do Bafici. Mas nada desse fazedor de longas-metragens é. Apesar disso, é surpreendente a habilidade que Sangsoo (por vezes, seu nome é grafado Sang-soo ou Sang-Soo) tem de criar, e não só na direção. Ele filma, escreve, fotografa, edita, compõe a trilha sonora e produz. Sua Jeonwonsa Film Co. Production consegue dar conta de sua estética enxuta.

“Eu filmo situações do dia a dia que são simples. Não preciso de efeitos especiais. Eu mesmo opero a câmera. Só preciso de alguém para captar o som. Com isso, o orçamento é pequeno. A montagem fica por minha conta também”, disse Sangsoo ao Correio da Manhã antes das filmagens de “A Traveler’s Needs”, ao lançar “Lá Em Cima” (“Walk Up”), no Festival de San Sebastián na Espanha. “Nem tudo o que aparece em cena precisa de uma explicação ou de uma conexão direta com a narrativa. Eu posso ser capturado pela imagem de um gato correndo, registrá-la e supor que faz sentido estético tê-la na edição de uma história que é absolutamente alheia àquele animal. Ele está ali só por fazer parte do mundo, por ter me oferecido um momento que, filmado, gera um sentido artístico”.

No dia em que lançou “A Traveler’s Needs” na Berlinale, sua protagonista, Isabelle Huppert, deu uma definição curiosa para o modo como ele trabalha. “Hong não trabalha com roteiro, nem com enredo definido. A gente vai criando no processo, em tramas bem-humoradas, mas carregadas de uma certa melancolia”, disse a diva europeia, que trabalhou com ele antes em “A Câmera de Claire” (2017) e “A Visitante Francesa”



Sangsoo ao centro da exibição de ‘A Traveler’s Needs’ em Berlim

O efeito Sangsoo

Mestre sul-coreano leva ao Bafici, festival argentino, o controverso ‘A Traveler’s Needs’, com Isabelle Huppert, que lhe deu o Grande Prêmio do Júri da Berlinale, em fevereiro



Isabelle Huppert desfila humor em ‘A Traveler’s Needs’, que passa nesta quarta em Buenos Aires

(2012). “Neste novo encontro nosso, eu até levei a roupa da personagem. O problema foi ter que tomar o Makgeolli, uma bebida típica com aspecto de leite, doce, mas... forte. Eu não bebo... quer dizer, só bem pouco”.

A fala de Huppert se refere a um ritual básico da obra de Sangsoo: seus personagens comem, bebem, fumam e falam... sem parar. Quase sempre tomam Soju, a Caninha da Roça da Coreia. Mas em “A Traveler’s Needs”,

Iris, a personagem central, entorna esse tal vinho de arroz que se chama Makgeolli, gerado por meio de um processo de fermentação com uma taxa de álcool de cerca de 7%. Para entendedores (ou aqueles que estão habitados a beber): um copo parece inofensivo, mas... na segunda dose, derruba. Em geral, os porres filmados pelo cineasta são em P&B, pois ele é um mestre do preto e branco. Nesse longa mais recente, a cor é onipresente.

“A alternância do preto e branco com imagens coloridas na minha filmografia não vem de uma tese racional. Nada do que faço vem. É mais uma reminiscência, o resquício de algo que me pede uma reação fílmica em P&B”, disse Sangsoo ao Correio. “Cresci vendo clássicos do cinema. Eles eram sempre em preto e branco. Filmar assim evoca esse passado da minha relação com o cinema, por uma questão de afeto e não por um gesto esnobe, pra incorrer no dito ‘filme de arte’. É uma escolha emotiva, que deve ser bem cuidada para não se estilizar”.

A ideia de que ele tenha se estilizado tanto a ponto de se repetir chegou a ser comentada pelo curador da edição n°74 da Berlinale, o crítico Carlo Chatrion, ao anunciar o seu nome quando divulgou a programação: “Dizer que Sangsoo se repete e faz sempre o mesmo filme é não perceber sua grandeza”. Fora a forma pouco usual de trabalhar como o colorido (uma vez que sua fotografia parece lavada, sem tons nas cores quentes), “A Traveler’s Needs” reitera uma série de dispositivos do cineasta para explorar a psique de Iris, a professora de Francês vivida por Isabelle. A cada encontro com suas amigas coreanas, ela sai derrubada das bicadas que dá no Makgeolli. Fica alegre, fala mais do que deve e põe-se a acariciar amigos que estão acompanhados por figuras femininas. Iris só não perde a medida da sua limitação financeira. Ao voltar para casa com metade do dinheiro do aluguer, fica toda pimpona, a celebrar o seu feito. Fala dos seus bolsos meio vazios várias vezes, como justificativa para o devir educadora em que se enfiou, um tanto confusa em seus sentimentos.

Já em circuito no Rio, “A Paixão Segundo GH”, de Luiz Fernando Carvalho, é um dos títulos nacionais que integram a seleção do Bafici.

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Objeto de culto com sua mirada poética sobre o realismo, “Arábia”, um dos filmes de maior revelo na cartografia de afetos do Brasil nas telas da última década, vai ganhar um novo lar: a Filmicca. Esse marco mineiro hoje a integrar o cardápio da plataforma consagrada por sua curadoria humanizada.

Essa pérola de Minas soma 17 prêmios internacionais em seu currículo, para ampliar seu prestígio. A dica de sua grandeza quem deu foi o escritor Luiz Ruffato, em “As máscaras singulares”. Em sua poética, as Gerais ganham um peso mítico, assim como na cinemática de seus conterrâneos de Minas, os cineastas Affonso Uchoa e João Dumans.

Escreve Ruffato: “Onde quer que estejas, em teu país ou em outro, és estrangeiro: ninguém tua língua compreende. Só, o deserto de estranhas veredas percorres. Conservas, no entanto, dos primeiros anos, o albor, quando tua cidade, madrasta e mãe, teus sonhos na noite fresca velava. A grande mão que afagou-te esmaga o peito agora. Ah! Somos apenas o que somos. Apenas”.

Isso aí, que a poesia do autor de “Eles Eram Muito Cavalos” desvela, define “Arábia”, lançado em 2017. Ele é potente em sua decantação lírica (ainda que de um lirismo desesperançoso) do realismo. É o cinema do “apenas”, isto é, da percepção das singelezas (as belas e as dolorosas). Faz a síntese poética das Gerais, lar de Ruffato, de Carlos Drummond de Andrade, de João Guimarães Rosa e de um novíssimo cinema de observação, como se vê neste ensaio sobre a andança como expressão de identidade. Vale lembrar que Dumans está lançando um novo longa. Chama-se “As Linhas Da Mão”.

Perfumado à morte, pois tem como narrador as memórias de um trabalhador acidentado, que arriscou transformar suas memórias em épica, num rascunho de diário, “Arábia” abriu sua trajetória de encantamentos há quatro anos,



Em ‘Arábia’, um olhar sobre a vida operária das Gerais ilumina as plateias de brasilidade

‘Cinema do apenas’ no streaming

Um dos maiores cults do audiovisual brasileiro na década passada, renovador da produção mineira, ‘Arábia’ ganha holofotes na plataforma Filmicca

pelo Festival de Roterdã, na Holanda – um canteiro de narrativas com instinto de experimentação formal.

De lá, correu 49 mostras estrangeiras, indo de San Sebastián, a maior da Espanha, a Yerevan, na Armênia, passando ainda por Cartagena, na Colômbia, num trajeto demarcado por dez prêmios internacionais. Junte a eles cinco troféus Candango, incluindo o de Melhor Filme, conquistado no Festival de Brasília de 2017 pela saga andarilha de Cristiano, vivido por Aristides de Souza.

À exceção de um preâmbulo cheio de lirismo, todo o resto do filme de Dumans e Uchoa é uma espécie de monólogo dele, que corre em contraponto às imagens, quase como uma trilha sonora. E ela não direciona o olhar: este corre livre, como os pés de Cristiano, em sua

errância quase inata. Esqueça virtudes heroicas, Cristiano é gente. É a gente: trabalha com mexerica aqui, vira metalúrgico ali, bebe com os amigos, joga papo fora, ama e se deixa amar por uma colega, num romance que condimenta sem muita pimenta seu jeito a esmo de viver.

Não há projetos ou sonhos nele: há deslocamentos. Cada posto é um aprendizado, para ele, para nós espectadores e para o jovem André (Murilo Caliari), que encontra o caderno de memórias de Cristiano (depois que este se machuca gravemente) no início do filme e engata a leitura, partilhando o saber do errar conosco. O maior achado: a simplicidade, argamassa com que o protagonista constrói seu mundo interior, entre perdas e ganhos.

Sem floreios ou adereços vai-

dosos na fotografia de Leonardo Feliciano, sempre atenta à composição de quadros rigorosos na habilidade de sintetizar os espaços por onde flana, a câmera de Dumans e Uchoa lembra o dispositivo narrativo do mestre japonês Yasujiro Ozu (tipo o de “Começo de Primavera”). Segundo Ozu, impressões imediatas traem, observações ruminadas e pacientes libertam. Os mineiros filmam assim. E, apesar de a palavra ser a bússola de nossa jornada pelas mil e uma noites de Cristiano, há muita contemplação silenciosa em “Arábia”. O silêncio cumpre o papel de ser o som da reflexão, da autodescoberta, das convenções de um mundo que institucionalizou a opressão. A Minas do filme não é bucólica, não é árcaica: é uma Minas operária, onde o ato de trabalhar dá subjetividade ao indivíduo

Um brother com cara de Brasil

Como o baiano Davi Brito pavimentou o caminho de campeão do Big Brother 2024

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

Como já era esperado há alguns meses, Davi Brito, o motorista de aplicativo morador de Cajazeiras, bairro popular de Salvador, foi o vencedor do BBB 24 (Globo) com 60,52% dos votos, tornando-se o homem mais jovem a vencer o reality, com 21 anos. E levou para casa o maior prêmio da história do reality de R\$ 2,92 milhões, além de um carro de R\$ 303 mil, o S10 High Country da Chevrolet.

A final chegou a ganhar alguma emoção, por conta da boa popularidade dos seus concorrentes, Matteus Vargas, o Alegrete, e Isabelle Nogueira, a cunhã-poranga do Boi Garantido, da famosa festa de Parintins, no Amazonas. Mas a situação era bem difícil para eles. O gaúcho obteve 24,25% dos votos, ficando com o segundo lugar, e a paraense recebeu 14,98% das preferências.

A disputa era difícil para os dois por motivos bem simples. O primeiro é que Davi ganhou o público ainda na primeira semana, quando seu perfil apareceu pela primeira vez na Globo. Quando sua chamada foi ao ar em 7 de janeiro (uma noite antes da estreia), ele já chamou a atenção por ser diferente do padrão que vemos sempre no programa.

O baiano entrou no programa como um dos membros do puxadinho, uma novidade da edição deste ano. Alguns pré-selecionados ganharam suas vagas em uma dinâmica na casa, mas ele e Isabelle entraram já pelo voto popular - e com um percentual alto: 60,94%, em uma disputa com sete postulantes do sexo masculino.

Davi é um rosto fácil de se identificar. É um jovem com cara de Brasil, que você encontra a cada esquina realizando o seu corre para tentar sobreviver e seguir a vida de forma honesta. Além disso, o fato de ser motorista de aplicativo, uma profissão em alta no Brasil devido à necessidade de muita gente de se locomover, fez o público do sofá comprá-lo facilmente.

Nas primeiras semanas, Davi rapi-



Davi, entre Matteus Amaral e Isabelle Nogueira, minutos antes do anúncio de quem seria o vencedor da edição 2024 do reality

damente virou o principal alvo da casa, especialmente de Wanessa Camargo. O baiano foi alvo dos piores comentários possíveis e sofreu uma marcação implacável dos adversários. Historicamente, o público do programa gosta dessa narrativa de perseguido. Mais um ponto para ele.

Nos últimos anos, o BBB vinha enfrentando dificuldade de achar personagens que deixassem o público vidrado no pay-per-view ou que fizesse as pessoas acompanharem cada passo dado dentro da casa nas redes sociais. Os campeões mais recentes foram muitas vezes questionados. Mesmo populares no Instagram,

a audiência parecia não concordar com tudo o que faziam.

A última campeã a ser uma quase unanimidade foi Juliette Freire, que venceu o BBB 21. Assim como a paraibana, Davi deverá ter um pós-reality mais positivo que Arthur Aguiar (BBB 22) e Amanda Meirelles (BBB 23). Os vencedores das duas últimas edições não conseguiram despolarizar as torcidas e ainda sofrem para emplacar trabalhos artísticos por causa da antipatia de quem torceu (e torce) contra.

De qualquer modo, é impossível não dizer que Davi foi o protagonista da edição. Todas as grandes histórias, boas e ruins, giravam ao seu redor. Com exceção da briga entre Alane Dias e Fernanda Bande, todos os outros grandes embates o envolveram.

É verdade, e não se pode deixar de

lado, que Davi teve muitas falas problemáticas, ora machistas, ora homofóbicas. Outro fato é que Davi dizia não conhecer famosos, como Fernanda Montenegro, e virou piada por isso. Mas os seus defensores estavam ali, firmes e fortes, e justificavam as mancadas do motorista.

A Globo também deu uma ajudinha para Davi ficar na atração. Parte do público pediu sua expulsão na briga com MC Bin Laden (agora MC Binn). O participante também foi convencido a ficar quando queria desistir no auge de sua popularidade, inclusive com a intervenção de Boninho, o big boss do reality.

Se isso tivesse ocorrido, a Globo corria o risco de perder um dos maiores ativos da edição. Afinal, uma coisa é certa: Davi Brito foi campeão com muito merecimento. Um campeão absoluto, como há algum tempo o BBB não via.

Reprodução TV Globo

Engenheiro e publicitário gaúchos realizam o sonho de produzir o próprio vinho em escala artesanal no terroir de Carlos Barbosa, na Serra Gaúcha

Por **Affonso Nunes**

A paixão pela cultura do vinho e o sonho de engarrafar suas próprias histórias e de estar sempre em busca de novos lugares, uniu o engenheiro civil Lúcio Salvadori Possebon e o publicitário Janquiel Mesturini em torno do projeto que deu origem à Vinícola Lugares.

Depois do Grande Encontro, um apaixonado (vinho produzido a partir do líquido de uvas desidratadas, prensadas e fermentadas) de cinco safras - 2006, 2011, 2012, 2013 e 2022 - com microvinificações de Merlot, Cabernet Sauvignon e Cabernet Franc cultivadas em Porto Alegre, agora os amigos apresentam a Linha Peregrino. São três variedades tintas - Nebbiolo, Teroldego e Marselan -, elaborados com uvas cultivadas em Carlos Barbosa, no Vinhedo do Capo, em Carlos Barbosa, na Serra Gaúcha.

O trio é elaborado com castas da safra 2023 e, assim como o Grande Encontro, tem a expertise do reconhecido enólogo Alejandro Cardozo, eleito Enólogo do Ano 2021, e do engenheiro agrônomo Silvano Michelon, formando o time técnico que está por trás de cada rótulo.

O atrevimento e ousadia estão aquém do desejo de fazer novas descobertas. O Peregrino Nebbiolo chega com 120 garrafas (500 plantas), o Peregrino Teroldego com 200 (400 plantas) e o Peregrino Marselan com 260 (300 plantas).

A vinificação dos três vinhos foi aberta com remontagem manual, sem clarificação e sem filtração. A fermentação também foi aberta com remontagem manual. Na sequência, foi feita a descuba, seguida pela fermentação malolática, decantação e engarrafamento sem nenhuma intervenção. Ou seja, o vinho expressa sua real essência, do vinhedo à garrafa.

Lugares nasceu a partir de um espírito de



Engarrafando histórias

Janquiel Mesturini e Lúcio Possebon apresentam os vinhos da linha Peregrino, um projeto ousado da recém-criada vinícola Lugares



A Lugares lançou rótulos com as castas Nebbiolo, marselan e Teroldego, todas de origem italiana

busca interminável. Uma busca por redescobrir culturas vinícolas em regiões específicas, por testar micro lotes de vinhedos e elaborar micro vinificações. Por personalizar cada

detalhe. Um espírito de descoberta e paixão pela cultura da uva e do vinho, cultivado desde a infância em meio a parreirais e produções artesanais das famílias.

O solo da região onde está o vinhedo deste projeto é de perfil franco-argiloso (50% argila, 25% silte e 20% areia), pesado, com bastante retenção de água, mas bem profundo, com possibilidade de um bom enraizamento e um bom equilíbrio da planta com o crescimento. E s verões quentes com noites frias típicos da região contribuem para a elevada maturação e os invernos bem frios trazem boa quebra de dormência com brotação mais uniforme.

“É um solo bastante fértil, com altos níveis de matéria orgânica, acima de 3%, favorecendo o desenvolvimento da videira. Este solo permite fazer boa área folhar, o que contribui para alcançar potencial de maturação bem maior do que em outras regiões, o que em vinhos potentes, bem encorpados, com alta estrutura, que podem ser guardados por vários anos”, explica Mesturini.

O cachorro, ícone que faz parte da marca, foi inspirado num farejador de trufas, que sempre está em busca de algo e que não para de procurar. Simboliza, ainda, a amizade, lealdade e companheirismo.

Divulgação



Brinquedos de Meriti

Sabedoria cabocla em foco

Divulgação



Abridores de letra

O Paço Imperial inaugurou nesta semana a exposição “Caboclos da Amazônia: arquitetura, design e música”. Com mais de 300 peças autênticas e diversificadas, organizadas em quatro categorias distintas - Arquitetura e Interiores, Objetos, Letras e Música – a mostra representa a essência do rico universo das expressões artísticas do Estado do Pará.

Documentada a partir das impressões paisagísticas da Amazônia e das incursões realizadas nas comunidades da ilha de Marajó, incluindo Afuá, e na ilha do Combu, em Belém, a mostra reflete o olhar atento do curador Carlos Alcantarinho sobre os elementos do cotidiano. Esses elementos incluem a elevação das habitações para proteção

contra as cheias das marés, a vibrante paleta de cores das casas, a música regional e as elaboradas inscrições nas embarcações, minuciosamente confeccionadas pelos talentosos artistas conhecidos como “abridores de letra”.

Os registros capturam conceitos originais que desafiam as normas estéticas convencionais, revelando a rica atmosfera cultural vivenciada pelos caboclos que habitam a floresta. “Ficava imaginando projetos de renomados arquitetos, e cada vez mais essa arquitetura invisível e pura do caboclo me parecia a melhor alternativa para acompanhar a floresta, protagonista da cena. É interessante essa completa dissociação da arquitetura e decoração com o restante do país, onde o minimalismo e as cores neutras



Construção ribeirinha

Divulgação

Divulgação



Balcão de bar

Exposição desvenda o universo da arquitetura e do design elaborados na Amazônia, mostrando criações locais totalmente adaptadas ao território

predominam”, afirma o curador, nascido no Pará.

A seção de “Arquitetura e Interiores” exhibe uma coleção envolvente de fotografias capturadas nas ilhas do Marajó e do Combu, destacando a arquitetura singular das residências ribeirinhas, das casas de pescadores e de outros cenários amazônicos. A cenografia meticulosamente elaborada é composta por tábuas de construção sem acabamento, pintadas com as cores

tradicionais dessas moradias, oferecendo uma representação detalhada da arquitetura cabocla em toda a sua grandiosidade e significado cultural.

A área reservada aos “Objetos” traz instalações que incluem elementos essenciais da vida cotidiana dos caboclos, como o icônico carrinho de raspas, garrafas contendo ervas do tradicional Mercado Ver-o-Peso, brinquedos artesanais feitos de miriti e as coloridas pipas que adornam os céus de Belém. “Os objetos não são meramente produtos de utilidade, como as canoas e as redes, mas muitas vezes nascem de uma inspiração lúdica, transmitindo a magia inerente a esse povo”, esclarece o curador.

Na seção dedicada às “Letras”, os visitantes terão a oportunidade

de explorar os símbolos de comunicação característicos do caboclo amazônico, com ênfase nos habilidosos “abridores de letras”, responsáveis por adornar as embarcações com seus elaborados nomes.

No espaço dedicado à “Música”, os visitantes serão transportados para os animados bares à beira das estradas do interior amazônico, imersos na envolvente trilha sonora que ressoa com os ritmos contagiantes de carimbó, da guitarrada e da festa de aparelhagem.

SERVIÇO

CABOCLOS DA AMAZÔNIA: ARQUITETURA, DESIGN E MÚSICA

Paço Imperial (Praça XV, 48) Até 7/7, de terça a domingo (12h às 18h) | Entrada franca